

Traduzindo *Os Ensaios*, de Montaigne

Rosa Freire D'Aguiar*

Resumo

Traduzir uma obra monumental como *Os ensaios*, de Montaigne, recém-publicada na coleção dos clássicos da Penguin, é um trabalho árduo. O pensador do século XVI aprendeu a falar em latim e sofreu forte influência dos antigos, o que se evidencia em sua forma peculiar de escrever. Nos ensaios, termo que na época era usado para designar experiências e tentativas, Montaigne emprega uma linguagem que mistura latinismos, francês arcaico, termos do dialeto da Gasconha, trocadilhos. Uma tradução é sempre um compromisso. Neste caso, o compromisso da tradutora foi entre o respeito ao texto original e sua legibilidade para o leitor de hoje.

Palavras-chave: Montaigne; tradução; filosofia; ensaios.

Abstract

Translating Montaigne's *The Essays*

To translate a monumental work like Montaigne's *The Essays*, recently published in Portuguese by Penguin Classics/Companhia das Letras, is hard work. The famous 16th-century thinker was taught as a child to speak in Latin and was strongly influenced by the Classics, as is evidenced in his peculiar way of writing. In his essays, then a term used to describe experiences and attempts, Montaigne employs a language that mixes Latinisms, old French, the dialect of Gascony, puns. A translation is always a compromise. In this case, the compromise was between the respect for the original text and its readability for today's reader.

Keywords: Montaigne; translation; philosophy; essays.

* Rosa Freire d'Aguiar é carioca. Formada em jornalismo, nos anos 1970 e 1980 foi correspondente em Paris das revistas *Manchete* e *IstoÉ*. Retornou ao Brasil em 1986 e no ano seguinte traduziu seu primeiro livro: *O conde de Gobineau no Brasil*, de Georges Raeders. Do francês, do espanhol e do italiano traduziu, nas áreas de literatura e ciências humanas, mais de sessenta títulos de autores como C. Lévi-Strauss, M. Vázquez Montalbán, L.-F. Céline, M. Vargas Llosa, J.-P. Vernant, J. Semprún, E. Sabato, H. de Balzac, J.-B. Debret, I. Calvino. Recebeu, entre outros, o prêmio da União Latina, de Tradução Científica e Técnica (2001), por *O universo, os deuses, os homens*, de Jean-Pierre Vernant, e o Jabuti (2009) pela tradução de *A elegância do ouriço*, de Muriel Barbery, sendo esses dois livros publicados pela Companhia das Letras.

No Livro I de *Os ensaios*, Montaigne nos diz que filosofar é aprender a morrer. No Livro III, já no final da obra, a frase se inverte e ele nos ensina que filosofar é aprender a viver. Mais de quinze anos separam as duas reflexões: a primeira seria de 1571, ano provável do início da redação de *Os ensaios*, a segunda, de 1588, quando Montaigne incorpora o Livro III a uma nova edição da obra. Aparentemente opostas, as duas afirmações se completam e são uma boa lente de aproximação dessa obra que é lida há mais de quatro séculos e permanece notavelmente moderna. Ler Montaigne (1533-1592) é prazeroso como assistir a uma aula de filosofia a cargo de um professor de vastíssima cultura, que enxerga nos mínimos gestos e pensamentos matéria para reflexão e indagação, mas não pretende ser dono da verdade.

No século XVI eram muitas as acepções de *ensaio* (*essai*). Os estudantes usavam o termo para significar o que hoje seriam os *exercícios* escolares. Aprendiz e artesão o empregavam para se referir à *prova* — um *protótipo*, diríamos — produzida antes da obra definitiva. Nas casas da moeda havia a *Essayerie*, onde ouro e prata eram *experimentados* para se descobrir seu teor e valor. Também eram *essais* as provas que se faziam de uma iguaria ou de um vinho antes de servi-los às mesas dos senhores. O que há em comum entre essas acepções é a noção de *tentativa*, *experiência*, portanto, algo sujeito a erros, a aproximações e imperfeições. A Montaigne devemos o significado hoje mais corrente de *ensaio* como gênero literário em prosa, sem regras fixas, versando sobre variados assuntos. Mas por volta de 1571, quando ele troca a “escravidão” da vida pública por uma reclusão autoimposta na biblioteca instalada na torre de seu castelo, a fim de se dedicar a ler seus mil volumes e anotar suas “condições e humores”, se propõe precisamente a *experimentar*, *testar*, *provar* o fruto de suas “imaginações”, o que, com o tempo, se transformará em “ensaios” e, depois, em *Os ensaios*.

Montaigne *ensaio*u tanto a si mesmo como suas opiniões a respeito do mundo em que viveu, numa época de profundas transformações. *Opinião*, de resto, é uma dessas palavras traçoeiras da obra, pois Montaigne a emprega não para significar uma posição precisa, mas, ao contrário, uma posição duvidosa, uma possibilidade, e até mesmo uma negação. No Aviso ao Leitor com que inicia *Os ensaios*, ele nos adverte: “sou eu mesmo a matéria de meu livro”. Na verdade, discorreu sobre uma infinidade de temas, como a velhice e a juventude, os reis e as leis, a educação e a medicina, as crianças e os índios tupinambás. O objetivo era, partindo de si mesmo, descrever o homem com absoluta franqueza, tendo chegado a revelar detalhes de sua vida privada, como as doloríssimas cólicas renais, a limpeza dos dentes, seus pesadelos e antipatias, o modo preferido de fazer amor e o tamanho de seu sexo. O ensaio como *exercício* de se autorretratar, como *tentativa* de examinar o mundo através da única lente que lhe era possível — o próprio julgamento — representou uma novidade, pois no século XVI os escrúpulos ditavam que não era de bom-tom escrever sobre si mesmo, sob pena de incorrer em gesto de soberbia. Montaigne teria sido, portanto, não só o inventor do ensaio, como o pioneiro das autobiografias modernas.

Essas e outras considerações, resultantes de leituras e conversas com “montaignistas” de ofício ou paixão, pontuaram os cerca de oito meses que durou a tradução de *Os ensaios*, de Montaigne¹. Quando, em setembro de 2009, Matinas Suzuki, editor da Companhia das Letras, me propôs traduzi-los para a coleção dos clássicos da Penguin a ser lançada no segundo semestre de 2010, não pensei duas vezes. Era projeto antigo. Após uma leitura um tanto dinâmica de alguns textos de Montaigne, feita ainda no tempo dos estudos, li *Os ensaios* de modo mais sistemático nos anos 1980, numa edição de luxo em dois volumes², que tinha a peculiaridade de trazer o texto de duas edições distintas, com os acréscimos e correções indicados em recuo e tipo menor. Foi imediato o deslumbramento com a lucidez do autor e a atualidade da obra. Não cogitava em ser tradutora e talvez por isso não tenha atentado para as armadilhas do texto, embora me lembre da dificuldade de atravessar certos trechos, não tanto pela ortografia em francês antigo, como pelos períodos longos que iam se desdobrando como espirais. Agora, vinte e tantos anos depois, me caberia traduzi-lo.

Montaigne escreveu num momento em que a língua francesa ainda não estava fixada e cada qual escrevia ao sabor da própria fantasia. Certos autores seguiam as regras do passado, outros arriscavam-se em inovações de ortografia e construções inusitadas. Curiosamente, eram os livreiros-editores que iam estabelecendo normas sólidas de grafia e pontuação, via de regra impondo suas preferências aos originais recebidos. Certas edições francesas de *Os ensaios*, chamadas de grande público, trazem a menção “em francês moderno”, mas em geral só procedem a mudanças de pontuação e ortografia, o que resulta em texto modernizado e por vezes tão incompreensível quanto o original³.

O desafio de uma tradução de Montaigne poderia se resumir à pergunta: como atrair o leitor de hoje para uma obra-monumento escrita no século XVI? Uma tradução de texto literário costuma ganhar quando há afinidade entre escritor e tradutor. Traduzir é ofício cansativo, monótono, e a simpatia, ou ao menos empatia, ajuda a enfrentar as dificuldades, a driblar os tropeços, a mergulhar no universo do traduzido. É esse, aliás, um dos encantos do ofício: ir descobrindo o autor, seus tiques e truques. No caso de Montaigne, a afinidade preexistia, mas se fortaleceu à medida que o trabalho avançava. O tradutor tem diante de si uma tarefa de fôlego que lhe exigirá meses de convívio com quem ocupará sua mente, suas leituras, suas insônias, talvez até seus pesadelos, como me ocorreu quando me coube traduzir *De castelo em castelo*, um dos três títulos de Louis-Ferdinand Céline que verti para o português⁴. Portanto, é bom simpatizarem.

O primeiro passo era decidir qual texto traduzir? Não há uma edição definitiva de *Os ensaios*, que foram sendo modificados desde o primeiro deles, escrito por volta de 1571, até a morte do autor, 21 anos depois. A quantidade e o caráter dos acréscimos que ele incorporou, ocasionalmente com anotações precisas enviadas aos editores, sobretudo para que respeitassem escrupulosamente sua ortografia, mostram que o projeto não parou de evoluir e se adensar ao fio das edições. A primeira é de 1580 e traz apenas os livros I e II. Dela já consta um dos mais famosos ensaios, *Sobre os canibais*, que para nós tem valor

e sabor especiais, pois aí Montaigne reconstitui o encontro que teve em Rouen com três tupinambás, em outubro de 1562, levados à presença do rei Carlos IX por integrantes da expedição da França Antártica. As edições seguintes, de 1582 e 1587, incorporam pequenos acréscimos e pouco diferem da primeira. Em 1588 sai mais uma, já impressa por L'Angelier, em Paris, com um terceiro volume, centenas de novas citações e outros tantos acréscimos e modificações. É a última edição publicada com Montaigne em vida. Um de seus exemplares, copiosamente anotado, está conservado na Biblioteca Municipal de Bordeaux: é o Exemplar de Bordeaux, que serviu de base a muitas edições modernas. Outro, com as últimas intervenções de Montaigne e guardado pela família, serviu à primeira edição póstuma, de 1595, elaborada por Marie de Gournay.

Foi nessa que nos fixamos. Marie de Gournay era uma jovem literata que vivia em Paris, lera a obra aos 18 anos e tinha 23 anos quando conheceu Montaigne, então com 55. Morto Montaigne, que a chamava de filha adotiva, Marie se dedicou, a partir de um exemplar corrigido por ele e enviado pela sra. de Montaigne, a um minuciosíssimo trabalho. Até então publicada como *Ensaíos*, a obra passou a se chamar *Os ensaios*, indicando talvez que agora formavam uma obra definitiva, e não mais as *tentativas* de Montaigne. Além de corrigir lapsos de ortografia e incorporar centenas de correções e acréscimos que Montaigne fazia nas margens e entrelinhas, Marie rastreou as fontes e traduziu dezenas de citações dos autores antigos abundantemente citados. A edição póstuma de 1595 teve sucesso imediato e serviu para várias outras edições, algumas clandestinas, outras expurgadas, durante pelo menos duzentos anos, pois só no início do século XIX se publicou o texto conforme o Exemplar de Bordeaux.

É a primeira vez que se publica no Brasil a edição póstuma. Foi ela que leram os contemporâneos de Montaigne, e, mais tarde, Pascal, Rousseau, Voltaire, e tantos outros intelectuais que contribuíram para difundir esse marco literário. É também a edição que, desde 2007, se publica na prestigiosa coleção Pléiade da editora Gallimard.

Decidida a edição, cabia-me enfrentar as dificuldades do texto e *ensaíar* uma tradução, *testar* as soluções que me ocorriam e tantas vezes me deixariam em dúvida. Como toda grande obra, *Os ensaios* apresentam dificuldades e resistências próprias, além das inerentes a qualquer tradução. Montaigne tinha uma língua bem sua, um misto de velho francês, sintaxe latina, arcaísmos, termos do dialeto gascão, jogos de palavras. Dizia escrever tal como falava “ao primeiro indivíduo que encontro, contentando-me em dizer a verdade”. O tom coloquial, porém, é mais visível no Livro III, ao passo que os dois primeiros têm uma língua muito elaborada, com trechos que soam insólitos e causam certa estranheza.

Montaigne aprendeu a falar em latim. Seu pai, convencido de que essa seria a maneira mais prática de ensinar ao filho a língua franca das elites europeias e iniciá-lo o quanto antes na herança literária da Antiguidade, armou um esquema doméstico em que ele mesmo, a mãe, o preceptor e os criados mais próximos do menino só lhe dirigiam a palavra em latim. Portanto, em latim Montaigne aprendeu a falar, e também a pensar. Já tinha 5 ou 6 anos quando se iniciou no francês. A influência latina é onipresente em *Os ensaios*, não

só na profusão de citações como na sintaxe. Há períodos longos que subvertem a ordem mais corrente no francês. Montaigne toma grande liberdade com o ordenamento das palavras e com a colocação das preposições, nada ortodoxa, o que por vezes resulta numa confusão de significados e ideias. Certas frases são, à primeira vista, incompreensíveis, e há que retalhá-las e remontá-las em seguida. Parecia escrever ao correr da pena, mas vez por outra são tantos os incisivos, tão longas as digressões, que o entendimento sai prejudicado. É como se tivesse lhe faltado uma releitura final do texto.

As mudanças que foram se acumulando nas sucessivas edições, e nem sempre são acréscimos — podem ser cortes ou reescritas —, às vezes interrompem o fio do raciocínio, quebram o ritmo da leitura e produzem frases obscuras. Além disso, muitas anotações marginais feitas pelo autor e passadas para a edição póstuma se apresentavam de modo elíptico e tinham um significado que provavelmente só era claro para ele. Há também o uso de palavras de origem latina que hoje, em português como em francês, ganharam outro sentido, mais corrente, o que pode ser traiçoeiro numa tradução. *Vicissitudes*, por exemplo, surge não como *reveses* ou *insucessos*, mas no sentido original de *alternâncias*: as *vicissitudes das estações do ano*. Há ainda palavras-coringa, como *acidente*, que pode ser *fato*, *acontecimento*, *peculiaridade*; ou *efeito*, que ora é *realidade*, ora *fato*, ora *objetivo*; ou *doutrina*, usada para qualquer ciência e saber.

No ensaio *Sobre a educação das crianças*, Montaigne diz que a linguagem que ama é a “simples e natural, tanto no papel como na boca: uma linguagem suculenta e nervosa, curta e concisa, não tanto delicada e penteada como veemente e brusca”. A pontuação singular da obra é o instrumento que lhe serve para expressar essa linguagem. Ele se reconhecia “pouco especialista” no assunto, mas pedia a seus impressores que olhassem de perto “os pontos, que são neste estilo de grande importância; é uma linguagem cortada que não poupa os pontos”. Assim, o uso intenso de pontos, dois-pontos e pontos-e-vírgulas, de preferência às vírgulas, é marca de seu estilo. Outra peculiaridade é a ausência de parágrafos, ou melhor, um para cada ensaio, como se o texto tivesse saído de um só fôlego.

Decidimos nos ater o mais possível à disposição original da edição de 1595, mantendo a estrutura de parágrafos e pontuação, e jamais introduzindo sinais gráficos não usados por Montaigne, como os travessões que aparecem em certas edições; e também respeitando os dois-pontos ali onde abrem frases que, por sua vez, terminam em outro dois-pontos. Quanto às notas introdutórias de cada ensaio e as notas de rodapé, foram feitas a partir da edição da Pléiade de 2007, organizada por Jean Balsamo, Michel Magnien e Catherine Magnien-Simonin, da edição da Penguin Classics de 2004, com organização e tradução de M. A. Screech, e da edição virtual de *Os ensaios* feita em 2008 por Guy de Pernon, que apresenta a obra em francês contemporâneo.

Traduzir tem muito de compromisso. Em sua acepção jurídica o termo supõe que as partes interessadas cheguem a um acordo ao fim de uma controvérsia ou um conflito de interesses, cada uma cedendo um pouco. Já para o tradutor, o compromisso é o pacto que

ele faz com seu autor para chegar a um resultado, no mínimo, correto, se possível mais que isso. Se algo cedi a Montaigne, foi a terminante e autoimposta proibição de tentar modernizar o texto para deixá-lo mais “ao gosto” do público. O compromisso com ele se firmou em torno de dois critérios: a fidelidade ao original e uma certa independência que me permitisse negociar com o texto ali onde sua dificuldade fosse capaz de lhe prejudicar a compreensão. Uma aposta no equilíbrio, portanto.

Traduzir Montaigne pressupôs dialogar com a gênese de *Os ensaios*, com estudos sobre sua biografia e a época em que viveu, mas também com o francês do Renascimento, o latim da Antiguidade, as guerras de religião, seu amigo La Boétie. Nesses percursos era corrente descer por atalhos que já tinham pouco a ver com a tradução, mas consumiam um tempo precioso. Foi uma tradução árdua, que se desdobrou nas diversas revisões, na elaboração do aparato crítico, na edição dos textos introdutórios de cada ensaio: quase um ano de convívio diário com Montaigne, quase um ano de renovado deleite com a leitura de *Os ensaios*.

Notas

1. **Os ensaios, de Michel de Montaigne** (São Paulo, Companhia das Letras, 2010).
2. **Essais, de Montaigne** (Paris: Le Club Français du Livre, 1962).
3. O professor Guy de Pernon, com quem entrei em contato, fez uma edição em francês contemporâneo de *Os ensaios*, hoje disponível na internet: http://web.me.com/guyjacqu/pernon-editions/accueil_pernon-editions.html.
4. **De castelo em castelo**, Louis-Ferdinand Céline (São Paulo: Companhia das Letras, 2002). Os outros dois livros de L.-F. Céline que traduzi foram o romance **Viagem ao fim da noite** (São Paulo: Companhia das Letras, 1994), e o relato biográfico extraído de sua tese de medicina, **Dr. Semmelweis** (São Paulo: Companhia das Letras, 1998).

Referências bibliográficas

- BURKE, Peter. **Montaigne**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- FAURON, V. **Extraits de Montaigne**. Paris: Paul Dupont, 1883.
- MONTAIGNE. **Les essais**. Organização de Balsamo, J.; Magnien, M.; Magnien-Simonin, C. Paris: Bibliothèque de la Pléiade, Gallimard, 2007.
- MONTAIGNE, Michel de. **Essais**. Paris: Le Club Français du Livre, 1969, 2 vol.
- MONTAIGNE, Michel de. **The Essays: a selection**. Ed.: Screech, M. A. Londres: Penguin Books, 2004.
- MONTAIGNE. **Os ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- TOURNON, André. **Montaigne**. São Paulo: Discurso Editorial, 2004.
- VOIZARD, Eugène. **Étude sur la langue de Montaigne**. Paris: L. Cerf, 1885.